



PARA ALÉM DOS LIMITES ENTRE O PRIVADO E O PÚBLICO: O FEMININO COMO TRANSGRESSÃO DE FRONTEIRA NA OBRA *EL LABERINTO DE LOS ESPÍRITUS*, DE CARLOS RUIZ ZAFÓN

BEYOND THE LIMITS BETWEEN THE PRIVATE AND THE PUBLIC: THE FEMININE AS BORDER TRANSGRESSION IN THE BOOK *EL LABERINTO DE LOS ESPÍRITUS*, BY CARLOS RUIZ ZAFÓN

Viviane da Silva Dutra 1
Rafael Eisinger Guimarães 2

Resumo: A condição da mulher esteve historicamente marcada pelo status de Outro inferiorizado em relação ao masculino. Tal imaginário faz com que o feminino se encontre fortemente vinculado à ideia de fronteira e de transgressão de limites físicos e simbólicos. O escritor Carlos Ruiz Zafón, em sua obra *El laberinto de los espíritus*, nos apresenta Alicia, personagem que opera essa subversão das fronteiras entre os espaços masculino e feminino, sobressaindo, por sua determinação e empenho, em um mundo no qual os homens imperam. Assim, no presente artigo, buscaremos apontar e discutir os aspectos que dão, às atitudes de Alicia, as marcas de uma transgressão dos limites físicos e simbólicos que separam e hierarquizam o masculino e o feminino. Para tanto, nos valeremos do aporte teórico da crítica feminista de Simone de Beauvoir (2009), Sherry Ortner (1979), Elaine Showalter (1994), Rita Terezinha Schmidt (2017), Lucia Guerra (2006), dentre outras.

Palavras-chave: Crítica Feminista. Espaços Simbólicos. Personagem Feminina. Carlos Ruiz Zafón.

Abstract: The women condition has been historically marked by the status of the Inferior Other in contrast with the masculine. Such imaginary makes the feminine strongly vinculated with the idea of border and the transgression of its physical and symbolical limits. The writer Carlos Ruiz Zafón, in his book *El laberinto de los espíritus*, introduces us to Alicia, a character that operates this subversion of the boundaries between the masculine and feminine spaces, excelling by her determination and effort, in a world in which man reign. Thus, in this article, we will seek to point out and discuss the aspects that brings to Alicia's attitude the marks of a physical and symbolical limits transgression that separate and hierarchize the masculine and feminine. To achieve this, we will use the theoretical contribution of the feminist criticism from Simone de Beauvoir (2009), Sherry Ortner (1979), Elaine Showalter (1994), Rita Terezinha Schmidt (2017), Lucia Guerra (2006), and others.

Keywords: Feminist Criticism. Symbolical Spaces. Female Character. Carlos Ruiz Zafón.

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9758944454180600>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8417-5868>. E-mail: visividutra@hotmail.com

2 Doutor em Literatura Comparada pela UFRGS, Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6491531352825435>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3657-9566>. E-mail: guimaraes@unisc.br



Introdução

Mulher, figura emblemática que passou por inúmeras transformações ao longo dos séculos, seguindo os parâmetros de sua cultura e as regras ditadas pela sociedade. Com o passar do tempo, novas normas de conduta e comportamento com relação a ela foram sendo impostas: como se portar em público, como tratar o marido, como ser uma boa mãe, como ser uma boa anfitriã, etc. Longe de serem atitudes próprias da “natureza” do ser feminino, esse padrão de comportamento transmitido de geração a geração consiste em uma estratégia de subjugação da mulher a um espaço tanto físico quanto simbólico ao qual o patriarcado busca restringi-la.

Como esposa, a mulher era privada de qualquer tipo de “arma” por conta dos ritos nupciais, o que a tornava econômica e socialmente subordinada ao marido. Ela começava sua jornada de “boa esposa” e se tornava, nesse momento, o tesouro mais precioso para o esposo. O pertencimento era tão profundo, que possuía a mesma essência, usava o nome dele, possuía os mesmos deuses, ou seja, ele era responsável por ela, ela era sua “metade”. Possuía o mesmo orgulho de sua mulher que de sua casa, de suas terras, seus rebanhos, suas riquezas, era através dela que transmitia sua força para o mundo, era sua medida e sua parte na terra (BEAUVOIR, 2009).

Esse domínio do homem sobre a mulher a impossibilitava de realizar seus sonhos, já que era rebaixada e sua vontade esmagada até se entregar ao jugo do marido. Quando uma mulher lançava o desafio de questionar as regras impostas pela sociedade e ousava transpor os limites da esfera doméstica, era vista como algo a ser domado, pois sua afronta não devia ser deixada passar levemente. Ela devia servir de exemplo de que as mulheres deviam obedecer as regras, ou seja, elas tinham que se curvar aos homens.

A literatura, a exemplo do que observamos na história da cultura ocidental, apresenta diversas personagens femininas que transgridem os limites do que podemos chamar de territórios do gênero, subvertendo estereótipos e ocupando espaços a priori vistos como exclusivos dos homens. O escritor espanhol Carlos Ruiz Zafón, em sua obra *El laberinto de los espíritus*, nos apresenta uma personagem desse tipo. Alicia é uma mulher que deve permanecer sempre atenta e perspicaz para continuar em um cargo que é dominado por homens em uma época marcada pela opressão do feminino. Ela se encontra assinalada pelo signo do deslocamento, pelo movimento de transposição das barreiras que separam arbitrariamente os âmbitos masculino e feminino. Contudo, essa transposição, como se verifica frequentemente ao nos depararmos com a construção de figuras femininas em uma cultura patriarcal, está longe de ser um processo tranquilo. Figura complexa e intrigante, Alicia será o objeto de estudo deste trabalho, que terá como meta apontar e discutir os elementos que configuram a transgressão e o deslocamento que a personagem promove em relação aos espaços designados como masculino ou feminino pelo imaginário ocidental. Para isso, usaremos como base teórica o trabalho de alguns nomes da teoria feminista que têm discutido o tema, tais como Simone de Beauvoir (2009), Sherry Ortner (1979), Elaine Showalter (1994), Rita Terezinha Schmidt (2017) e Lucia Guerra (2006).

A mulher entre a submissão e a transgressão

Em uma sociedade, não importa a época, há uma convenção que deve ser seguida. Regras que sempre privilegiam os homens como seres imponentes que devem ser seguidos, obedecidos, reverenciados, como se a mulher não tivesse condições de viver sem o seu respaldo. Tal estrutura tem seus alicerces fincados nas concepções primevas que deram origem à cultura patriarcal, tais como o pensamento clássico grego e as premissas religiosas católicas (BEAUVOIR, 2009; SCHMIDT, 2017; GUERRA, 2006). Tomando como base a diferença sexual e transmutando-a em parâmetros valorativos a partir dos quais se sustentaria uma pretensa inferioridade biológica e cultural das mulheres, os sujeitos masculinos naturalizaram um processo de subjugação do feminino, processo esse que, como bem aponta Sherry Ortner (1979), configura-se uma “verdade universal” passível de ser verificada nos mais distantes e distintos agrupamentos humanos. Na esteira das reflexões de Simone de Beauvoir, a antropóloga estadunidense observa que a tal fenômeno de desvalorização universal da mulher tem como base a vinculação desta à natureza, ao passo que o homem é visto

como relacionado à cultura. Sem negar a existência das distinções biológicas existentes entre os sexos, Ortner sublinha que o problema é que tais diferenças adquirem significados e valores, tornando-se parâmetros hierárquicos quando transpostos para sistemas culturais socialmente construídos e compartilhados.

Em franco diálogo com as ideias de Beauvoir, Sherry Ortner aprofunda ainda mais as reflexões iniciadas pela feminista francesa que já havia constatado que:

[d]esde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino. (BEAUVOIR, 2009, p. 117)

Em seu estudo, a autora de *O segundo sexo* arrola uma série de mitos construídos acerca em torno do feminino a partir da associação desde a esfera da natureza e seus correlatos, como a corporeidade, a emoção e a imanência, elementos aos quais se contrapõem a cultura, o espírito, o intelecto e a transcendência, vistos pelo patriarcado como atributos do sujeito masculino. Contudo, como a própria autora faz questão de ressaltar:

[n]enhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro*. (BEAUVOIR, 2009, p.362, grifo da autora)

A forma como tais concepções se arraigaram ao pensamento ocidental deu margem a uma naturalização da opressão e subjugação do feminino, solidificando uma “ideia de mulher” no imaginário patriarcal. Apropriando-nos das palavras da filósofa francesa, é possível dizer que:

[a] história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como *Outro*. (BEAUVOIR, 2009, p. 207)

Alinhando-se às reflexões de Beauvoir e Ortner, Rita Terezinha Schmidt nos lembra que, uma vez atrelada à natureza, a mulher transita entre dois polos, de um lado a mulher-deusa, ora funcionando como “o catalisador das forças da natureza que irradia o poder dos grandes mitos femininos do mundo clássico” (SCHMIDT, 2017, p. 41), ora figurando como “mãe terna e sensível ou esposa assexuada e submissa” (SCHMIDT, 2017, p. 41); de outro lado a mulher-demônio, “encarnação do sexo e da paixão por excelência e, portanto, a origem dos males que afligem o corpo dos homens e assola seus espíritos” (SCHMIDT, 2017, p. 42). Tal ambiguidade inerente à ideia de mulher construída pelo patriarcado é igualmente assinalada não apenas por Beauvoir como também por Ortner, que atribui tal ambivalência ao fato de as mulheres cumprirem, do ponto de vista masculino, o papel de elemento intermediário entre a natureza e a cultura.

Paralelamente a isso, ressalta Schmidt, dialogando com o pensamento de Beauvoir, que o imaginário ocidental desdobrou a dicotomia natureza/cultura no par opositivo razão versus emoção, atrelando ao masculino o valor positivo do primeiro e ao feminino o valor negativo do segundo. Assim, para a autora:

[o] método filosófico que consagrou a racionalidade e a objetividade como baluartes do saber moderno, legitimando a cisão mente/corpo a partir de premissa da superação de suas limitações epistemológicas por uma mente incorpórea,

contribuiu decisivamente para uma essencialização ontológica do homem enquanto sujeito soberano do conhecimento, uma subjetividade autônoma e racional diante desse outro, o mundo objetificado de uma natureza que, via de regra, assume o estatuto do feminino. (SCHMIDT, 2017, p. 395)

Tendo em mente todas essas questões, mais do que um processo de a construção de estereótipos, é possível pensar, seguindo a proposta de Lucía Guerra (2006), que a relação de opressão, objetificação e subjugação do feminino se dá a partir de um processo de territorialização, na medida em que:

las relaciones entre hombre y mujer están signadas, en primera instancia, por una dicotomía de territorios: mientras el hombre, en su posición de Sujeto, tiene acceso al mundo de afuera y a la movilidad ontológica de la trascendencia, la mujer en la casa es el margen subordinado, la pasiva inmanencia. (GUERRA, 2006, p. 139)

O homem assumiu, assim, o comando da vida da mulher, de seu destino e dos caminhos pelos quais poderia ou não seguir. Suas vontades e desejos não eram importantes, por isso não eram ouvidos, seu dever era ser anfitriã, esposa e mãe de uma forma perfeita para que o marido escutasse apenas elogios, esse era seu maior orgulho. Como bem ressalta Malvina Muszkat:

[c]oube ao homem do patriarcado reprimir seus conteúdos matriarcais e projetá-los na figura da mulher, seja para persegui-los, seja para protegê-los, justificando assim uma atitude paternalista e assumindo o poder sobre o grupo feminino. A cultura incorporou e promoveu o fenômeno tendendo a torná-lo irreversível. (MUSZKAT, 1985, p. 14)

A partir de um desdobramento da dicotomia natureza/cultura, os espaços das esferas do privado e do público, vistos como instâncias a serem ocupadas respectivamente pela mulher e pelo homem, pelo feminino e pelo masculino, assumem claramente, nitidamente, dentro da estrutura patriarcal, a função de espaços que delimitam os campos de atuação de cada um dos gêneros. Assim, o lugar da mulher era claro, sua obrigação era com o lar, seus ensinamentos giravam em torno de tarefas domésticas, bordar, costurar, cozinhar, conduzir empregados, receber, etc. As mulheres, desde a infância, eram preparadas para assumir seu lugar junto a seu futuro marido. Isso era o esperado de uma mulher. Nas palavras de Jeni Vaitsman:

[a] família, que possuía funções produtivas, privatizou-se, construindo-se um mundo “feminino”, privado, da casa, que veio a se colocar como oposto ao mundo público, da rua, que se tornou masculino nas práticas, na ideologia e no imaginário social. As mulheres passaram a ser definidas socialmente segundo a ausência de requisitos necessários nesse mundo público ao qual não tinham acesso. Seu lugar era na esfera privada definida pelas suas relações na família, como filhas e esposas, e não na esfera pública definida pelos princípios universalistas e igualitários do mercado e, mais tarde, da cidadania. (VAITSMAN, 2001, p. 14, aspas da autora)

Para muito além de configurar um espaço de opressão do feminino, o espaço doméstico cumpre um papel simbólico de suma importância na estrutura patriarcal, como lembra Simone de Beauvoir (2009). Na estrutura familiar a mulher é responsável pela organização do todo, além de gerar herdeiros para dar prosseguimento ao nome e herança da família. O homem, imbuído da manutenção, precisa se orgulhar de seus bens, do que possui já que, na maioria das vezes, a mulher é vista como um objeto, como um bem comprado. Em muitas culturas, na antiguidade, em algumas até hoje permanece, o pai da moça oferecia um dote como atrativo de casamento, para chamar pretendentes. O valor do dote sempre dependia da condição social da família da noiva, quanto

melhor a condição social mais elevado o dote seria.

Embora não faça uma conexão direta com as ideias de Simone de Beauvoir, Sherry Ortner e Lucía Guerra, as reflexões de Elaine Showalter (1994) sobre as particularidades da escrita de autoria feminina possibilitam que se estabeleça um diálogo com essas autoras. Ao destacar a “cultura da mulher” como a diferença mais determinante para a singularidade da manifestação literária das escritoras, uma vez que abarca as outras três diferenças do feminino em relação ao masculino - o corpo, a linguagem e a psique -, a teórica estadunidense retoma a concepção de esferas culturais masculina e feminina proposta por Shirley e Edwin Ardener. Segundo esses antropólogos, diferentemente da ideia, em voga no século XIX, de que o masculino e o feminino constituíam culturas independentes, essas duas culturas podem ser compreendidas como círculos em uma intersecção quase total.

A possibilidade de visualizar, sob a forma de círculos sobrepostos, a concepção de territorialidade proposta por Lucía Guerra contribui sobremaneira para a premissa que sustenta nossa reflexão aqui, uma vez que possibilita que compreendamos mais facilmente as relações entre gênero como deslocamentos, simbólicos e reais, entre espaços designados a priori como masculinos e femininos. Nesse sentido, a transposição dos limites do ambiente doméstico pode ser vista como um ato de transgressão. Nas palavras de Lucía Guerra (2006, p. 175), “[c]ontradiendo la lógica del significante que envuelve en una categoría única, las fragmentaciones del signo mujer lo desterritorializan. El sentido etimológico de la palabra ‘transgredir’ alude a un cruzar fronteras para entrar a un territorio nuevo”.

Em sua caminhada em busca de reconhecimento de sua capacidade intelectual e prática, a mulher, aos poucos, começou a ganhar espaço no mercado de trabalho, promovendo essa transgressão das fronteiras entre o “doméstico-feminino” e o “público-masculino”. Com essa vitória também vem o desdobramento do ser “mulher”, pois continua a ser esposa e mãe, agora agregando o papel de trabalhadora precisa se organizar para dar conta de todas essas funções. No entanto, apesar dessa “vitória”, seu dia a dia não é fácil, pois seu sonho de igualdade entre homens e mulheres ainda não havia se tornado realidade. A conquista do espaço no mercado de trabalho foi uma coisa, contudo ser tratada no mesmo nível profissionalmente que o homem era outro totalmente diferente. Marcela Lagarde explica que:

[e]n síntesis, desde la perspectiva de género feminista hay una relación entre desarrollo, democracia y derechos humanos. Satisfacer las *necesidades vitales* de las mujeres implica un reordenamiento profundo y complejo de las relaciones con los hombres y cambios en las normas, así como la redefinición de la economía y de la distribución de los recursos sociales, económicos y culturales. Significa también una transformación profunda de las normas de participación social que excluyen a las mujeres en su relación con los hombres en la sociedad civil y en la sociedad política. El desarrollo con redefinición política de género conlleva a su vez la redefinición de los derechos humanos y la creación de nuevos derechos humanos de las mujeres. Es de hecho una propuesta para una nueva democracia. Si no se democratiza el orden no avanza ese tipo de desarrollo, y de no avanzar la democracia tampoco se abrirán los cauces para que el desarrollo hegemónico transite hacia la reconfiguración del orden social. (LAGARDE, 1997, p. 164, grifos da autora)

Em muitos aspectos, as dificuldades envolvidas nessa transgressão dos limites entre as esferas do masculino e do feminino, tal como estipulado pela cultura patriarcal, já foram apontadas por Simone de Beauvoir, quando ela ressalta que:

[a] mulher que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem. A maneira por que se empenha em sua profissão e a ela se dedica depende do contexto constituído

pela forma global de sua vida. (BEAUVOIR, 2009, p. 881)

É, então, o início de uma trajetória pela busca da transcendência e da autonomia, a partir de uma ocupação de espaços antes vistos como exclusivamente pertencentes à esfera masculina, sem, contudo, desvencilhar-se das atribuições e encargos que a prendem na esfera atribuída ao feminino. Tal relação complexa entre territorialidades simbólicas de gênero marcam a constituição da personagem Alicia, do romance *El laberinto de los espíritus*, de Carlos Ruiz Zafón, para a qual dedicaremos agora nosso olhar.

Alicia e o entre-lugar do feminino

A forma como a mulher é vista, até os dias de hoje, é, podemos dizer, universal. Se espera que ela seja esposa, dedicada ao marido, mãe amorosa, a senhora de seu lar, a anfitriã perfeita, aquela que mantém a organização e o perfeito andamento da vida no espaço doméstico. O papel do homem era o de manter o padrão de vida oferecido à esposa e aos filhos e, para isso, ele necessitava do apoio da mulher.

O escritor Carlos Ruiz Zafón, em sua obra *El laberinto de los espíritus*, integrante da tetralogia *El cementerio de los libros olvidados*, nos apresenta Alicia, uma mulher que, à primeira vista, não se enquadra em tal estereótipo, transgredindo os limites a partir dos quais a sociedade busca separar os domínios do masculino e do feminino. Órfã ainda menina e com uma seqüela do bombardeio ocorrido em Barcelona no dia 18 de março de 1938, durante a Guerra Civil Espanhola, Alicia teve que forjar uma força interna para sobreviver sozinha em um mundo em reconstrução. Se vestiu de rebeldia e sagacidade para atravessar os dias e vencê-los assim como os obstáculos que lhe faziam frente. Transpondo as fronteiras simbólicas impostas ao gênero, aos dezessete foi recrutada por um agente do governo, Leandro Montalvo, e treinada para trabalhar em missões especiais em um ramo totalmente masculino:

La señorita Gris tiene veintinueve años, de los cuales lleva doce trabajando para mí. Huérfana de guerra. Perdió a sus padres con ocho años. Se crió en Patronato Ribas, un orfanato de Barcelona, hasta que la expulsaron a los quince años por motivos disciplinarios. Durante un par de años malvivió en la calle y trabajó para un estraperlista y criminal de medio pelo llamado Baltasar Ruano, que dirigía una banda de ladrones adolescentes hasta que la Guardia Civil le echó el guante y fue ejecutado como tantos otros en el Campo de la Bota. (ZAFÓN, 2016, p. 110)

Apesar de ser considerada uma das melhores agentes, Alicia não transpõe totalmente os limites da esfera cultural feminina, sendo tratada com desconfiança quanto a sua capacidade por ser mulher. Em alguns momentos precisa fingir submissão para agradar o ego masculino, já que o tempo e a sociedade na qual vive exigem essa conduta. Por conta dessa segregação, Alicia necessita se mostrar diferente da figura idealizada de uma mulher e com isso estar preparada para qualquer situação envolvendo a questão feminina, como o assédio, por exemplo. Em seu mundo, há os homens que a respeitam e há os que a tratam como um ser inferior, com o preconceito da época. São situações com as quais ela precisa lidar e saber quando investir e quando recuar: “Alicia advirtió el brillo acerado en los ojos de su jefe, un asomo de advertencia, y bajó la mirada. Aceptó sumisa la pasta y la taza de café con leche que le sirvió el camarero a instancias de Leandro y sorbió unas gotas bajo su atenta mirada”. (ZAFÓN, 2016, p. 216)

Na trama, é possível notar que o contexto social apresentado emula a configuração da estrutura patriarcal vigente na primeira metade do século e, em larga medida, em voga até os dias de hoje. Ao se debruçar sobre as estratégias de submissão do feminino que sustentam tal estrutura, Malvina Muszkat indica a ocorrência:

[...] de uma discriminação sutil, disfarçada sob a crença humanitária das tradições judaico-cristãs, que atribuem à mulher “a sagrada vocação da maternidade” como função máxima. Esse fato nos coloca diante de uma segregação mascarada, que torna possível a ilusão de que a mulher é “igual, porém diferente”, justificando plenamente, até mesmo em nome do amor, uma evidente atribuição de valores. (MUSZKAT, 1985, p. 13, aspas da autora)

Com uma mente rápida e uma inteligência que fogem da ideia redutora de feminino construída pelo patriarcado, Alicia surpreende por sua sagacidade e olhar atento, assumindo, estrategicamente, o papel de “mulher” designado pelo masculino. Assim, fazendo uso das palavras de Elaine Showalter, podemos dizer que a personagem manifesta “um ‘discurso de duas vozes’ que personifica sempre as heranças (...) tanto do silenciado quanto do dominante” (SHOWALTER, 1994, p. 50)

Se, por um lado, é possível dizer que a personagem feminina do romance de Zafón transita entre os espaços simbólicos do feminino e do masculino, por outro observa-se que ela também realiza um deslocamento em termos físicos, um trânsito entre espaços que, por sua vez, também configura um trânsito entre temporalidades. Alicia, que vive em Madri, ao tomar parte em uma nova investigação, precisa retornar a Barcelona para seguir as pistas de seu caso. Com seu retorno, as recordações do passado se fazem presentes em sonhos monstruosos, trazendo-lhe inquietação e mal-estar:

La joven se dejó caer en el asiento mientras contemplaba ausente las luces de la estación. Al poco, el tren empezó a arrastrarse y Alicia se abandonó al suave balanceo del vagón mientras imaginaba las primeras luces despuntando sobre un Madrid anclado en la niebla. [...]

La ciudad fue desapareciendo en la distancia y al rato el tren se adentró en una llanura sin horizonte que se extendía infinita. Alicia sintió que tras aquel muro de oscuridad, Barcelona había olfateado ya su rastro en el viento. La imaginó abriéndose como una rosa negra y por un instante le invadió aquella serenidad de lo inevitable que consuela a los malditos, o tal vez, se dijo, fuera solo el cansancio. Poco importaba ya. Cerró los ojos y se rindió al sueño mientras el tren, abriendo las sombras, se deslizaba rumbo al laberinto de los espíritus. (RUIZ ZAFÓN, 2016, p. 218)

Contudo, apesar dessa ponta de tristeza que o passado lhe traz momentaneamente, Alicia não se permite fraquejar, já que necessita de sua força para continuar com seu trabalho. O retorno a sua cidade natal, mais do que memórias terríveis, traz à agente um sentimento de ambiguidade, um questionamento e uma indagação com relação às suas escolhas pessoais e profissionais. Tais reflexões provocam, uma vez mais, um questionamento das fronteiras simbólicas entre os gêneros por parte da personagem, uma vez que ela passa a refletir sobre o quanto da esfera do feminino ela teve que abrir mão para ocupar o território masculino a ela negado. A vida escolhida pela personagem a torna uma pessoa sozinha, sem relações amorosas e pretensões a formar uma família. Durante seu crescimento, ela viveu cada dia após o outro, sem planejamentos ou sonhos. Sua cicatriz, que também lhe causa uma grande dor por ter sido um ferimento profundo, é uma lembrança de tudo que perdeu naquela noite em Barcelona. Em uma de suas observações, durante a investigação, ela presencia um jovem casal se despedindo na porta da livraria, nesse momento lhe invade, mesmo que fugazmente, uma pontada de inveja daquela cena que nunca viveu:

Beatriz se alzó de puntillas y besó en los labios a su marido. Fue un beso casto, de labios unidos y breve roce. Alicia no pudo dejar de advertir que Beatriz era de las que cerraban los ojos al besar, aunque fuera a su legítimo maridito, y se dejaba rodear el talle. Daniel, por su parte, tenía todavía besar de colegial y un matrimonio temprano no le había enseñado aún cómo se agarraba a una mujer, dónde se ponían las manos y qué se le hacía con los labios. Claramente, nadie le había enseñado. Alicia sintió que se le borraba la sonrisa y que un poso de malicia le invadía las entrañas. (ZAFÓN, 2016, p. 252)

Nessa passagem é possível perceber que a princípio Alicia se diverte com a falta de habilidade amorosa do jovem casal, que ainda está desfrutando o início de seu relacionamento. Entretanto, à medida que os observa, seu sentimento começa a modificar, passando de diversão para malícia. Esse sentimento pode ter vindo à tona ao se dar conta das coisas que não teve em sua vida, e um amor inocente foi uma delas. Ao perder toda sua família, Alicia também perdeu o amor e o carinho, coisas que não teve durante seu crescimento:

Alicia observó a aquella criatura y se dijo que, en otra vida, bien hubiera podido ser la mujercita de aire sereno y angelical que debía de levantar anhelos y suspiros en el vecindario, la estampa viva de la esposa perfecta de los anuncios de moda. Beatriz, sin pecado concebida, contempló a su vez a aquella extraña que parecía un reflejo oscuro de sí misma, una Bea que nunca podría o se atrevería a ser. (ZAFÓN, 2016, p. 358)

A personagem apresenta nesse momento um pensamento ambíguo em relação a sua vida como mulher. Uma comparação de modelos, uma é a esposa perfeita, mãe amorosa que vive em torno do ambiente doméstico; a outra está atrelada a uma vida obscura na qual ingressou por não ter escolha, um caminho espinhoso, onde cada passo deve ser dado cuidadosamente, com atenção e perspicácia, em especial por se tratar de um território onde, segundo o imaginário patriarcal, sua presença não está autorizada. Esse momento mostra que, talvez, haja uma parte sua que almeje ser essa mulher, ter esse propósito distinto do que possui agora em sua vida, ou seja, retomar o seu lugar na esfera feminina do doméstico.

Com o transcorrer da narrativa, Alicia avança em sua investigação e, aos poucos, descobre as armações por trás dos crimes e a participação de figuras públicas que eram as responsáveis por tudo o que havia acontecido até o momento. Outra situação que a personagem desvendou foi a intenção de seu mentor e chefe de matá-la, apesar de ter prometido liberá-la após esse caso. Alicia foi surpreendida por um agente que a observava para aprender suas táticas para então tomar seu posto após matá-la:

– ¿Tan lista que te crees y no lo has entendido todavía? Yo soy tú. Todo lo que tú deberías haber sido. Al principio te admiraba. Pero luego me he dado cuenta de que eres débil y que no me queda nada que aprender de ti. Soy mejor que tú. Soy mejor de lo que tú nunca podrías haber sido... (ZAFÓN, 2016, p. 617)

Nessa passagem, o agente a diminui como profissional e enaltece a si mesmo, afirmando ser melhor do que ela. De certa forma, ele se faz superior a ela por ser homem e, por isso, ele fará um trabalho com mais qualidade do que ela. É nesse momento também que Alicia descobre a traição de seu mentor e chefe, pessoa que confiava e de quem não esperava tal ataque. Quando Alicia vai enfrentá-lo sobre sua traição, Leandro tenta envolvê-la com seu charme e trazê-la novamente para seu lado:

– Yo no soy mejor que nadie.
– Por supuesto que lo eres. Por ese siempre has sido mi favorita. Por eso te quiero a mi lado otra vez. Porque este país necesita que haya gente como tú y como yo. Gente que sepa

controlarlo. Que sepa mantenerlo a raya y en calma para que no vuelva todo a transformarse en un saco de ratas que viven para alimentar sus odios, envidias y rabias mezquinas y que se comen vivos unos a otros. Sabes que tengo razón. Que, aunque siempre se nos eche la culpa de todo, sin nosotros este país se iría al infierno. ¿Qué me dices? (ZAFÓN, 2016, p. 810)

É nesse instante que Alicia rompe seu vínculo com esta vida que a transformou e exigiu tanto de sua alma e ser. Descobrir a traição de Leandro, uma pessoa que a salvou das ruas e, apesar de ser uma atividade obscura, lhe deu um propósito e a tratou, de certa forma, como a uma filha, foi determinante para uma ruptura radical na trajetória da personagem feminina. Para ela, ser enganada por ele foi uma grande perda e, apesar de ter acabado com tudo pessoalmente, aparentemente, de forma fria e impessoal, por dentro estava quebrada e sofrendo.

Esse episódio configura-se algo emblemático para trama, sobretudo por lidar com elementos que, no bojo da sociedade patriarcal, são fundamentais para a manutenção dos limites bastante claros entre as territorialidades de gênero. Isso porque, como se pode notar, a transgressão que Alicia promove em relação aos limites entre o feminino e o masculino acaba sendo, ao fim e ao cabo, um ato articulado e promovido por uma personagem masculina, alguém que, não por coincidência, representa, para ela, a ideia da figura paterna, ocupando o posto do pai biológico perdido na infância. O fato de Alicia haver ingressado na esfera masculina pelas mãos de um homem parece-nos determinante para entender o que está por trás dos dilemas e ambiguidades que marcam este “entre-lugar” da agente. Assim, se Leandro é esse “pai” que “cria” mas também subjuga e domina, a descoberta das suas artimanhas leva a sua morte simbólica, o que conduz Alicia a uma situação inteiramente nova, dolorosa, porém libertadora.

Com todos os acontecimentos, Alicia necessita sair do país para poder viver sua vida tranquilamente sabendo que não há ninguém em seu encalço. Decide conhecer diferentes lugares sem parada certa, concretizando um desejo que só poderia ser realizado agora que não possui encargos e que goza de total liberdade e independência. Mais do que transitar entre os espaços simbólicos do masculino e do feminino, a ruptura com a figura paterna corporificada em seu mentor possibilitou um trânsito ainda mais livre, tanto em termos simbólicos quanto físicos. Se antes era possível dizer que, em larga medida, a personagem não estava presa ao espaço destinado às mulheres, agora que ela não se encontra mais sob a sombra e a tutela de Leandro, Alicia libertou-se também da prisão que havia se tornado para ela este “entre-lugar”, este viver no limiar doméstico privado feminino e do público masculino.

Considerações Finais

Historicamente restritas ao espaço doméstico e vistas como sujeitos inferiores, as mulheres têm buscado, há séculos, dismantelar a estrutura opressiva da sociedade patriarcal. O movimento feminista nasceu dessa necessidade discutir e superar as amarras que submetiam o feminino às regras impostas pelo masculino. Assim, iniciou-se uma trajetória na qual seria preciso lutar para reivindicar por aquilo que elas acreditavam ser-lhes de direito, mas, principalmente, a liberdade para escolher seu próprio destino. Sempre houve, na história, mulheres que não aceitavam as regras infligidas pela sociedade e faziam suas escolhas, transpondo os limites que lhes eram impostos, indiferentes aos sussurros a sua volta. Essas “heroínas” foram exemplos, talvez, para o início desse movimento de libertação.

Foi esse sentimento de libertação que fez surgir o movimento feminista, com mulheres avessas às regras impostas que exigiam a submissão ao homem e um total abandono da vida e de vontades próprias. Essas mulheres começaram a lutar pelos direitos das mulheres poderem escolher seus próprios destinos. Uma luta que foi crescendo com o passar dos tempos e ganhando cada vez mais força e voz.

A personagem Alicia, da obra *El laberinto de los espíritus*, escrita por Carlos Ruiz Zafón, claramente se encaixa no perfil dessas mulheres que contestaram os ditames de uma sociedade

comandada por homens. Dona de uma personalidade obscura que não se mostra logo no início da história, ela vai se revelando aos poucos aos olhos de quem lê o romance. Uma criatura complexa, que se construiu em uma base de solidão e dor, já que, após perder a família, se viu sozinha em uma cidade destruída. Utilizou a rebeldia para se proteger de todos e de tudo e isso lhe ajudou a forjar uma força que permitiu que se mantivesse viva enquanto esteve nas ruas.

Ao ser recrutada para trabalhar como agente do governo, Alicia teve que se endurecer e construir, de certa forma, uma personalidade astuta para poder superar os limites que a restringiam à esfera simbólica do feminino e transitar em um mundo dominado por homens. Testada em todas as oportunidades, teve que provar seu valor como profissional, mas sempre atenta e vigilante, já que havia aqueles que não a respeitavam como profissional por ser mulher. Alicia fazia seu trabalho melhor que seus colegas homens, ocupando espaços que o imaginário patriarcal não viam como pertencentes às mulheres. Tal atitude causava certo desagrado entre seus colegas homens e, por isso, ela se mantinha afastada em seu apartamento a maior parte do tempo quando não estava em missão, para se proteger.

Na época em que se passa a trama - década de 1950 - o feminismo já havia iniciado seu questionamento com relação às bases culturais do patriarcado, no entanto ainda não era comum que a mulher assumisse cargos predominantemente masculinos e transitasse por espaços físicos e simbólicos vistos como exclusivos dos homens. Assim, a personagem Alicia enfrentou, em uma época dura e difícil, resistência em seu caminho e dificuldades para realizar o trabalho para o qual foi contratada, transpondo, com astúcia mas também com angústia, as fronteiras que separam as territorialidades de gênero. Embora parecesse estar livre para realizar este trânsito, Alicia, podemos dizer, encontrava-se presa neste limiar, enclausurada nesta fronteira entre a “docilidade” da vida doméstica feminina e os perigos da vida pública masculina. Para ver-se livre dessa opressão, até então invisível, foi preciso romper não apenas com os muros, mas também com aquele que a havia enclausurado, a figura masculina que, sob as mais distintas personificações - pai, esposo, tutor - representa a mão que conduz e que também retém o feminino.

Referências

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. 2. ed. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

GUERRA, L. **La mujer fragmentada**: historias de un signo. 3. ed. Santiago de Chile: Editorial Cuarto Propio, 2006.

LAGARDE, M. **Género y Feminismo**: desarrollo humano y democracia. 2. ed. Madrid: Horas y Horas Editorial, 1997.

MUSZKAT, M. A mulher em busca de sua identidade. In: SEABRA, Zelita; MUSZKAT, Malvina. **Identidade feminina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

ORTNER, S. B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L. **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 95-120.

RUIZ ZAFÓN, C. **El laberinto de los espíritus**. Barcelona: Planeta, 2016.

SHOWALTER, E. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, H. B. de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23-57.

SCHMIDT, R. T. **Descentramentos/Convergências**: ensaios de crítica feminista. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

VAITSMAN, J. Gênero, identidade, casamento e família na sociedade contemporânea. In: PUPPIN,

A. B; MURARO, R. M. (Org.). **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumaré; FAPERJ, 2001.

Recebido em: 11 de fevereiro de 2021.

Aceito em: 21 de março de 2022.